



A compreensão mística na obra de Jâmblico de Cálcis

Ivan Vieira Neto

Resumo: Jâmblico de Cálcis foi um dos últimos filósofos a preocupar-se com os rumos do paganismo na Antigüidade Tardia que tentou conciliar os princípios místicos das religiões mediterrâneas e as concepções filosóficas do neoplatonismo para chegar a um ponto de equilíbrio que respondesse aos anseios da sociedade daquela época. Esse empreendimento resultou em suas obras a compreensão da filosofia como sustentáculo para a crença em uma dimensão espiritual atuante e influente na vida humana em todas as suas instâncias.

Palavras-chave: Religião; Mistérios; Filosofia.

Abstract: Iamblichus of Chalcis was one of the last philosophers to be interested about the routes of the paganism in the IV century, trying to conciliate the mystic principles of the mediterranean religions and the philosophical conceptions of the neoplatonism to arrive it to an equal point that could answer to the yearnings of the society in that time. This enterprise resulted inside his production the understanding of the philosophy as the base for the belief in a spiritual dimension operating and influencing in the human life in all its instances.

Keywords: Religion; Mysteries; Philosophy.

Jâmblico nasceu na Síria meridional, nas proximidades de Cálcis, em meados do III século, falecendo no ano 325 d. C., mesmo ano do Concílio de Nicéia, segundo o testemunho do filósofo Proclo, que orienta a tradição histórica a seu respeito. Esse período turbulento dos fins da Antigüidade foi marcado por crises na economia e na sociedade romanas, compreendendo também a transição da religião tradicional de Roma, o paganismo, para uma nova doutrina espiritual fundamentada no monoteísmo hebraico, cujo advento se completaria algum tempo mais tarde, após a conversão do Imperador Constantino.

Embora a institucionalização e oficialização do cristianismo sejam relativamente rápidas no Império Romano, elas são o fim último de um longo processo que, por mais de um milênio, desgastava o paganismo e as crenças das sociedades helenísticas em suas divindades. Para se traçar um panorama geral desse processo é preciso retroceder à Grécia do século VII a. C., quando os primeiros pré-socráticos iniciaram suas críticas às divindades gregas, mais especificamente, aos deuses homéricos da *Ilíada* e da *Odisséia*.

Atribuiu-se a Homero a *culpa* pela transformação dos deuses em entidades mesquinhas e vingativas, dadas a prazeres obscenos e vícios desmedidos. Mas as divindades que aparecem nas obras homéricas não são mais que personagens, às quais o poeta atribuiu as características pelas quais elas seriam conhecidas (e criticadas) pelos séculos posteriores. A afirmação de Platão de que Homero educou toda a Grécia pode ser também entendida como uma crítica do filósofo à personalidade com que o poeta revestiu as divindades, sendo este responsável pela maneira como as gerações que o sucederam enxergaram e desprezaram as ações divinas, principalmente entre os membros do substrato social mais erudito da civilização grega.

Entretanto, o empalidecimento paulatino dos mitos e das divindades, que teve início na Grécia e espalhou-se por toda a cultura helenística, começou com a racionalização das forças que atuam sobre a Natureza. Hesíodo sistematizou o panteão helênico na sua *Teogonia*, esquematizando um quadro genealógico de gerações sucessivas de deuses que, unidos uns aos outros, davam à luz novas divindades, sendo identificado como o primeiro na tentativa de racionalizar as origens divinas, como mais tarde Apolodoro fez na sua *Biblioteca*.

Depois deles, os pré-socráticos empenharam-se em entender a Natureza como uma força abstrata à qual os fenômenos naturais estavam submetidos, sem a presença de uma personificação de qualquer natureza ou ligação com uma entidade metafísica que se encontrava além de todas as divindades e de todos os homens, cujas ações e pensamentos eram substancialmente muito distintos das ações empreendidas pelos deuses e pela humanidade.

A sistematização hesiódica foi o suposto princípio de uma *desmistificação* que se desvela durante um longo período na Grécia, culminando com o surgimento da Filosofia. Mas ao contrário daqueles que pretendem que a Filosofia foi um rompimento total do pensamento grego com a dimensão mítica, é preciso entendê-la como uma continuação da explicação mitológica. Ambas, Mitologia e Filosofia eram as formas de se explicar e de se entender o mundo, portanto são o mesmo questionamento e partem do mesmo ponto: a necessidade humana de descobrir o universo no qual a humanidade inteira

encontra-se inserida. Portanto, a mudança da explicação mítica para a explanação filosófica é apenas uma mudança de perspectivas.

Indício de que a Filosofia não se configurou como um rompimento definitivo com a esfera mítica na cultura grega são os mitos filosóficos, contados pelos próprios filósofos, como os que são relatados a respeito do amor em *O Banquete* de Platão. Se, portanto, as críticas de Xenófanes, Platão e Aristóteles aos deuses de Homero e Hesíodo não eram protestos céticos contra a existência das divindades, eram, antes disso, tentativas de libertar o conceito *deus* das atribuições que os poetas lhe haviam conferido séculos antes (ELIADE, 2001: 133 a 135).

Mas após a sabatina dos filósofos e os movimentos de “racionalização dos mitos”, como o evemerismo, as mitologias e as divindades gregas e helenísticas encontravam-se desgastadas e quase sem forças para manter acesa a chama vital e o *status quo* do paganismo. Com a *dessacralização* dos mitos e dos deuses, iniciada pelos poetas e levada a cabo pelos filósofos e racionalistas, a religião mediterrânica precisou inovar na experiência mágico-religiosa de seus adeptos. A alternativa foi o surgimento, quase contemporâneo ao início da *desmistificação*, de rituais iniciáticos e cultos de mistérios, que muito cedo se espalharam por todo o Mundo Antigo e sobreviveram até a cristianização.

Aos problemas da crença religiosa muitas vezes somavam-se algumas crises de ordem social e econômica, que conduziam o homem antigo, descontente e angustiado, a procurar nos rituais esotéricos uma resposta que lhe transmitisse a sua salvação do presente. Assim os cultos de mistérios e seus ritos iniciáticos se configuravam também como uma perspectiva ou alternativa diferente daquela oferecida pelos cultos e rituais ordinários, assumindo uma característica escatológica e soteriológica que aumentará sua fama em diversas regiões do mundo mediterrâneo. A iniciação e a participação nos cultos de mistérios conferiam aos seus iniciados e neófitos um contato mais íntimo com alguma divindade que o presenteava com uma percepção diferente de seu *modus uiuendi* e um destino também diferente do destino do homem comum, não-iniciado, após a sua morte (BURKERT, 1991: 97).

Se os gregos foram tomados pelo sentimento de afastamento das divindades tradicionais, os romanos, desde a fundação de Roma, nunca os sentiram muito próximos. Durante sua estada em Roma, Jâmblico procurou, com sua filosofia, através de suas aulas e de suas obras, abraçar um mundo pleno de símbolos e significados que se desvelavam além daquela Natureza impessoal dos filósofos. Em sua busca pela compreensão metafísica o filósofo de Cálcis tentou evocar as divindades ancestrais do Mediterrâneo em um novo

entendimento do mundo abstrato e divino, muito diferente do que era concebido por Homero e Hesíodo, como tentativa de reacender o ânimo do paganismo agonizante de seu tempo. Seus escritos constituem-se quase como uma busca pela conciliação entre os saberes místicos e a filosofia, apresentando-se como o ponto de equilíbrio capaz de solucionar a crise religiosa em que se encontravam mergulhadas as religiões das mais diferentes regiões do Império Romano.

Ainda em sua terra natal, antes de ser enviado para Roma para estudar o neoplatonismo de Plotino com o filósofo Porfírio, Jâmblico aprendeu os ensinamentos pitagóricos e estudou muito da religiosidade e da cultura local. Seu contato com o Hermetismo e sua instrução sobre as religiões helenísticas, assim como seu sincretismo, renderam a ele os saberes necessários para elaborar uma nova concepção mística capaz de abranger toda a heterogeneidade do paganismo à luz dos ensinamentos neoplatônicos de seus mestres.

No que o próprio Jâmblico chamou de “teologia egípcia” (JÂMBLICO, *Sobre os Mistérios Egípcios*, VII), em sua obra mais famosa, nosso filósofo construiu um quadro que sistematizava, não somente por uma questão pedagógica, os diferentes níveis da realidade supra-sensível que se dispunham entre o homem e o Uno, o *Supremum Bonum*. A partir desse *Ente Supremo*, que se configurava como o Todo Indiviso, emanavam entidades menores, que eram os deuses, os heróis, os daimones e, finalmente, os homens.

O sistema de emanções de Jâmblico baseava-se em um sistema parecido descrito por Platão, no qual todas as coisas existentes em nosso plano sensível eram emanções imperfeitas do plano mais abstrato, que ele chamava de inteligível. A filosofia platônica identificou também a mutabilidade imanente à dimensão das coisas naturais e a imutabilidade própria do que há no mundo das idéias, caracterizando a diferenciação posterior que Jâmblico fará entre a eternidade do plano metafísico e o caráter perecível daquilo que está submetido à matéria.

Mas essa identificação do mundo e suas várias esferas de existência como emanções do Todo Indiviso é influenciada, além das idéias de Platão, pela doutrina hermética que Jâmblico conheceu, e provavelmente estudou, na Síria ou no próprio Egito, e à qual faz algumas alusões ao longo de sua obra. O Hermetismo, por sua vez, para a construção desta concepção metafísica, bebeu nas fontes milenares do Egito faraônico, o entendimento egípcio sobre as suas divindades.

É notável a semelhança entre as idéias do Hermetismo e o mito de criação egípcio que identifica seus deuses como sucessivos desdobramentos de uma divindade maior e mais antiga que eles: Atum, a divindade mais primitiva, cria Shu e Tefnut, que por sua vez dão origem a Geb e Nut, e estes darão à luz Osíris, Ísis, Seth e Néftis. O casal Osíris e Ísis, cujo mito é o mais famoso entre os mitos egípcios, conceberá o deus-falcão Hórus, que é encarnado pelo Faraó, uma divindade viva diante de seus súditos. Assim teremos quatro instâncias que fazem a ponte entre Atum e o povo egípcio, como as instâncias que na teologia jambliqueana fazem a ligação entre o Uno e o homem.

Mas ao contrário de Atum, que se ausenta do mundo após a criação, tornando-se o que Mircea Eliade definiu como *Deus Ocioso*, e da concepção aristotélica que pretendia que a única atividade digna dos deuses era a contemplação, o pensamento platônico e as idéias neoplatônicas de Jâmblico sugeriam que o Incriado (o Uno) era o *motor primordial* do Cosmos. E a solução que Jâmblico encontrou para a expectativa soteriológica de seus contemporâneos foi a prática do ritual teúrgico.

A teurgia consistia em, através de símbolos representativos das divindades (pedras, gemas, ervas), buscar alcançar o henôsis, estado extático em que a alma humana, invocando os deuses para que a purifiquem, pode livrar-se de sua existência material para participar, por um breve tempo, da imutabilidade dos gêneros superiores e compartilhar com eles a beleza e o bem em seu estado mais puro. A diferença substancial entre a escatologia jambliqueana e os cultos de mistérios dá-se na forma como o homem encontra-se com a divindade. Enquanto nos mistérios o deus ou a deusa é chamado a comparecer no mundo humano, mesmo que dentro de um espaço sagrado que revive a narrativa mítica, na teurgia o homem é quem deixa seu espaço para partilhar por um tempo do mundo divino.

A consagração do espaço em que ocorre a trama dos mistérios, onde o homem revive a aventura e o desespero da divindade, torna-o propício à epifania da entidade à qual se deseja alcançar através do rito. Mas na execução da teurgia é o homem quem deve ser consagrado para que sua alma, purificada, possa participar da manutenção da ordem cósmica, juntamente com os deuses e os outros gêneros superiores, cada um em acordo com sua própria função.

Para que o homem possa participar dessa instância superior da existência e estar com o Demiurgo e os demais seres divinos é necessário, antes de tudo, que ele seja um *théios anér*, um homem sábio e divino. Era como Jâmblico de Cálcis entendia-se e como esperava que fossem os homens interessados na

prática do ritual teúrgico, que ao contrário dos cultos de mistérios não era uma verdade revelada aos neófitos que se dedicavam à iniciação no culto, mas sim o poder que os teurgos recebiam como em um verdadeiro sacerdócio.

Com essas proposições, Jâmblico tentou revestir o paganismo com uma nova alternativa soteriológica para responder aos anseios de uma sociedade cada vez mais preocupada com questões relativas à salvação da alma, que ele explorou baseando-se nas concepções filosóficas de seu antecessor, Plotino. A obra de Jâmblico é, afinal, um compêndio da religião helenística que sintetiza a compreensão mítico-filosófica com variadas práticas mágicas na busca por uma verdade mística universal e atuante capaz de conferir sentido ao paganismo e resistir à expansão cristã.

Jâmblico foi um dos últimos filósofos a se preocupar com os rumos do paganismo e por isso suas doutrinas foram tão caras ao filósofo Proclo e ao Imperador Juliano, o *Apóstata*, em sua tentativa de retomar o paganismo como religião oficial do Império Romano. Mesmo com todos esses esforços o cristianismo acabou por segmentar-se definitivamente como a religião oficial do Império, pois respondia às preocupações soteriológicas da sociedade e às inquietações dos governantes em relação às doutrinas secretas, à astrologia e às práticas mágicas (que tiravam do homem sua responsabilidade e do governo a sua autoridade), servindo como o mecanismo ideal de controle, silenciando por quase um milênio a voz de Jâmblico, considerado feiticeiro fanático e adorador de demônios até o século XIX, enquanto a História preservou dos deuses antigos apenas suas características homéricas e legou às divindades de Jâmblico apenas o espaço das artes e da literatura, longe de qualquer merecimento cultural ou ritualístico, que agora se direcionavam apenas para o culto litúrgico da Igreja prestados ao Deus Criador e seu Filho Salvador do mundo. Aquele mesmo mundo que, outrora, era incumbência das vontades das mais variadas entidades da cultura helenística, os demônios do imaginário cristão.

Bibliografia

BATISTA, R. S. *Denses e Homens: mito, filosofia e medicina na Grécia Antiga*. São Paulo: Landy, 2003.

BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Ed. USP, 1991.

ELIADE, M. *Entre o Sagrado e o Profano*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIADE, M. *Mito e Realidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JÂMBLICO. *Sobre los misterios egipcios*. Traducción de Enrique Ángel Ramos Jurado. Madrid: Gredos, 1997.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.

SCARPI, Paolo. *Politeísmos: as Religiões do Mundo Antigo*. São Paulo: Hedra, 2004.

SISSA, G. e DETIENNE, M. *Os deuses gregos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.